

Marta Reis

O Livro dos Escuteiros

OFICINA
DO LIVRO



ÍNDICE

Prólogo	11
Glossário	17
Cronologia	25
Na Primeira Pessoa	39
Memórias	57
Portefólio	161
Reflexões: A Proposta Actual de Baden-Powell	167
Reflexões. Ser Escuteiro, Hoje e Amanhã	209
Eu Também Fui	247
 DO BAÚ	 257
O Pontapé da Propaganda	259
Escoteiros na Lua	267
Na Origem dos Beatles	273
Outros Famosos	279
Outras Curiosidades	301

Nota: As palavras escutismo e escuteiro(s) aparecem grafadas com U ou com O conforme se trate da Associação dos Escoteiros de Portugal (AEP) ou Corpo Nacional de Escutas (CNE).
Nas referências genéricas a escutismo e escuteiros, a palavra aparece grafada com U.



NA PRIMEIRA PESSOA

São escuteiros de diferentes gerações e um deles, José Maria Nobre dos Santos, é o único que pode lembrar-se neste século XXI, com o escutismo mais do que centenário, de ter apertado a mão ao fundador Baden-Powell, num acampamento no campo-escola de Gilwell, em Inglaterra, nos anos 1930. Uma conversa a várias vozes sobre o que é ser escuteiro, com olhos no passado e futuro. Primeiro as apresentações.

* * *

No dia da promessa, em Maio de 1952, **António Duarte de Almeida** superou uma prova decisiva, pelo menos assim a lembra. Aos 17 anos, o jovem de Santarém descobriu o escutismo já tarde, porque a irmã namorava um rapaz de Lisboa que era do grupo 60 do Corpo Nacional de Escutas, na altura ao lado do Ateneu Comercial de Lisboa e hoje o número do agrupamento de Queluz. Até àquela idade as memórias que tem dos escuteiros



António Duarte de Almeida e a futura mulher, em 1959.

eram de gozar com eles, como se gozava com tudo o que fosse «gente comportada». Naquele dia, o padre João Ferreira, chefe do grupo 91 de Santarém (não existia ainda a designação de agrupamento), disse-lhe que tinha de ir à paragem das camionetas buscar um grupo de escuteiros que vinha do bairro da Encarnação para a cerimónia da promessa, que seria também inauguração da sede do grupo.

Quando começou a descer a rua, o chefe vem à janela e diz-lhe que falta uma coisa: o chapéu na cabeça, para estar fardado a rigor. «Lá tive eu de atravessar a cidade de Santarém de chapelinho e vestido à escuteiro. Foi uma prova maravilhosa e não tenho dúvidas de que foi de propósito. Quando cheguei à camioneta estava curado.» Pelo caminho encontrou dois ou três amigos do tempo de «valdevinos», que ia terminar por ali para uma vida de mais de 60 anos ao serviço do escutismo. «Lembro-me bem do que disseram: “épá, vais bem disfarçado, que belas pernas!” A grande lição do escutismo é isto mesmo. A partir daquele momento devo ao escutismo tudo o que tenho e tudo o que sou.»

*

Sendo hoje professor universitário e investigador dedicado às Ciências da Educação, **José Palhares** não se lembra das datas em que entrou para a escola ou em que fez os primeiros exames. Esteve apenas dez anos no escutismo activo, mas ainda se lembra do dia da primeira reunião no escutismo: 19 de Novembro de 1977, no agrupamento 453 de Valença do Minho. Sabe o homógrafo, os nós, a técnica da fogueira, o morse. Estudioso da educação em contextos não-escolares, acredita que o escutismo está numa intersecção que combina os três modos de educação (formal, não-formal e informal) e tem procurado estudar o impacto do movimento. «Considero-me um exemplo bem acabado de socialização do escutismo e isso só tem a ver com uma vivência carregada de significado

que tive no movimento, e da sua compreensão. As pessoas podem ter experiências diferentes, consoante o seu envolvimento emocional. Porque é que um sócio do Benfica chora quando o clube perde e outro, em contrapartida, limita-se a festejar quando o clube ganha?» No grupo, nunca faltava, levou os cargos a sério. Atingiu a última etapa do progresso, na altura as provas de primeira classe, e tirou 13 especialidades. Ao mesmo tempo que treinava atletismo. «Lembro-me de um raide em que não pude ir logo, porque tive uma



José Palhares, um dia depois da promessa de escuteiro em Junho de 1978.

prova de 800 metros em Vigo. No dia seguinte andei 9 quilómetros com a mochila às costas até ir ter com a equipa; caminhámos 17 quilómetros juntos e ao final do dia ainda corri hora e meia porque tinha de treinar. Ainda me sinto escuteiro e acho que fui uma operação bem-sucedida do movimento, e tive várias experiências juvenis que podiam ter corrido com a minha presença no escutismo.»

*

Com receio que o filho não fosse rijo o suficiente, depois de uma pneumonia aos 7 anos, **António Brito** não teve o apoio dos pais quando quis tornar-se escoteiro, aos 14 anos. Empurrado por um vizinho, entrou para o grupo 6 da AEP em Olhão, o primeiro a ser fundado no Algarve. Era o início dos anos 50 e para pagar a farda o aprendiz de sapateiro cosia solas nos tamancos usados pelas senhoras nas fábricas de conservas da região. Depois de um período de desmotivação,

regressou já com idade para ser caminheiro, e quando emigrou para Luanda fez parte dos grupos locais da AEP e do CNE. Aí, já dirigente, descobriu que ser escoteiro era nunca deixar de aprender. Para cumprir bem os cargos que lhe confiavam, e como só tinha a quarta classe, fez o curso de dactilografia, contabilidade e mecanografia. Há poucos anos quis completar o 12.º através das Novas Oportunidades. O escotismo foi a actividade que lhe deu mais «equivalências». «O escotismo desperta vocações e aprendizagens, sejam talentos para a pintura ou para a música, ou necessidades de aprendizagem. Devo a capacidade de desenrascar e improvisar ao escotismo.»

*

Edite Monteiro entrou para o grupo 16 de Carcavelos com 14 anos. Dantes a sede era junto à praia, hoje fica numa antiga adega no jardim de Alagoa, com construções de alto a baixo onde as tribos, o clã e a alcateia reúnem todas as semanas. É responsável pela formação de dirigentes da AEP e elege como principal segredo do movimento – e também a razão da sua actualidade – não impingir nada aos jovens. Para definir escotismo, socorre-se de um artigo lei. «O Escoteiro é alegre e sorri perante as dificuldades.»

*

Depois de 20 anos nas estruturas regionais de Braga do CNE, **António José Osório** voltou à chefia de secção num agrupamento de Póvoa de Lanhoso. Nasceu em Lemenhe, perto de Nine, e foi lá que entrou para os escuteiros no final dos anos 1960. Não lhe permitiram a entrada logo na fundação do agrupamento, porque ainda tinha idade para ser lobito e só abriram com os exploradores. «Não era a farda que me impressionava, era querer pertencer a um grupo. Lembro-me de estar a ajudar na missa da primeira promessa e ver os



António é o segundo (da esquerda para a direita). Em 1974, com 14 anos e ainda explorador, ajudou «orgulhosamente» três caminheiros no apoio aos participantes no Congresso Eucarístico Internacional, em Braga.

olhos de um explorador a brilhar. Eu queria tanto ser escuteiro que massacrava o seminarista da terra, depois padre Agostinho, para que abrisse o grupo. Até que por fim abriram e eu fui para o bando cinzento, fui logo guia.» Em miúdo, até por causa da experiência ao ar livre, queria ser director do Parque Nacional da Peneda-Gerês, e para isso tirar o curso de silvicultura.

Aos 16 anos, a experiência de orientar uma patrulha

de aspirantes, numa altura em que faltavam os chefes destacados no serviço militar, fê-lo desenvolver o gosto pela pedagogia. É investigador, docente em educação e formador de professores na Universidade do Minho.

*

Ivo Faria é escuteiro desde os 6 anos, idade com que entrou para o agrupamento de Calendário, a maior aldeia do concelho de Vila Nova de Famalicão. A secção preferida foi a IV, onde esteve até ao limite de idade e na qual esteve mais tempo como dirigente. Em miúdo, nas diferentes secções, começava por ter cargos mais administrativos, tesoureiro ou secretário, mas depressa chegava a guia. «Acho que sempre tive alguma sensibilidade para gerir e gerar consensos», diz, a sua interpretação do papel como guia à frente da patrulha. É consultor e chefe regional de Braga, a região berço do CNE em 1923 e a que continua a ter um efectivo maior dentro da associação.

*

Em 2011 **João Armando** tornou-se o primeiro escuteiro português a integrar o Comité Mundial do Escutismo. Entrou para o CNE em 1976, na altura com 13 anos, e esteve no agrupamento de origem, na Figueira da Foz, até ao ano 2000. De miúdo recorda os acampamentos e os raides na serra da Boa Viagem, mas também as actividades de vela e canoagem, já que eram um agrupamento marítimo. Mais do que de chefes, lembra-se de um período em que o agrupamento esteve nas mãos de três guias de patrulha, na altura com 16 e 17 anos. Nesse ano deu-se uma das maiores revoluções: tiveram de decidir se abriam o agrupamento a raparigas. «O escutismo deu-me espaço para treinar a liderança, deu-me uma família – conheci a minha mulher nos escuteiros –, mas essencialmente deu-me uma visão diferente de mim e do mundo. De um eu no mundo mais exigente, e de um mundo mais pequeno do que parece.»

*

João Madeira, chefe do grupo 2 da AEP – o segundo, como o chamam carinhosamente – tinha o destino traçado. Tanto o pai como o avô, também chamados João Madeira, tiveram o mesmo cargo. Para lhe criar a vontade de ser escoteiro, o pai começou a levá-lo cedo às actividades, mas por vezes dizia-lhe que não podia ir, para lhe aguçar o apetite. Aos 36 anos é programador informático, mas na definição pessoal continua a ser escoteiro. Sente o peso do grupo ter feito 100 anos a 1 de Dezembro de 2012, pelas centenas de histórias que tem nas mãos, e acredita que o escutismo pode actualizar-se e fazer mais pela sociedade em vez de se fechar em si próprio. Da sua parte, fá-lo com prazer.

*

No trabalho chegaram a brincar com os seus «métodos escutistas», mas garante que funcionaram. Enquanto quadro directivo do Millennium BCP, quando **João Paulo Feijoo** passou a ser coordenador-adjunto da Nova Rede, pôs em prática um dos pilares do método de Baden-Powell: o pensamento de que é possível competir por ser melhor, e não apenas por estímulos monetários. Esta ideia serviu para dinamizar sucursais e motivar equipas, um contributo do escutismo no mundo do trabalho. Feijoo entrou para o CNE com 17 anos, no início dos anos 1970. Com 20 anos, depois do 25 de Abril, assumiu como sua uma das mudanças estruturais que viria a marcar uma nova fase da associação, renovar a formação para dirigentes e a reformular a oferta educativa. Hoje acredita que teve maturidade suficiente para estar à altura do acontecimento: em vez de entrar em rota de colisão com o chefe que durante décadas era o mentor da formação do CNE, o chefe Manuel Faria, do campo-escola de Fraião, optou por colaborar. Correu o país de norte a sul a espalhar a mensagem de um escutismo mais centrado no espírito de patrulha e na máxima *ask the boy*, diminuída durante os anos de Mocidade Portuguesa. Após os primeiros anos do agrupamento 57 de Benfica, esteve no agrupamento de Queluz e na Junta Regional de Lisboa. Passou depois para os Serviços Centrais e, em 1987, entrou para o comité europeu da Organização Mundial do Movimento Escutista, tendo sido o primeiro português a exercer este cargo. Neste primeiro ano entra como substituto de um desistente, por ter ficado na reserva numa eleição que ocorreu em Ofir. Em 1989 é confirmado no cargo e em 1992 é eleito para um segundo mandato, onde é vice-presidente do comité. Durante os dois mandatos teve o privilégio de testemunhar e apoiar o renascimento do Movimento Escutista nos países do Centro e Leste da Europa. «Em 1995 reunimos em Salzburgo, na Conferência Europeia em que terminava o meu mandato, e lembro-me de ter pensado uma coisa que tinha lido nos livros de Bertrand Russell: “Há um momento para ser liderado,

um momento para liderar e um momento para sair da frente.”
E na altura saí.»

*

Quando nos despedimos, numa manhã de Verão em Viseu, **José Maria Nobre dos Santos** sorri e diz com ternura «continua a viver a nossa vida», a vida de escoteiro que ainda guarda viva na memória aos 94 anos de idade. Entrou para a AEP aos 13 anos, para o grupo 13 fundado por essa altura no início da década de 1930 na Sociedade de Geografia de Lisboa. Em 1944 é nomeado chefe da Região Centro e seis anos mais tarde integra a direcção nacional da AEP como secretário das relações internacionais. Na altura o secretário nacional da associação é Baltazar Rebelo de Sousa. Foi dos primeiros escoteiros a ter a insígnia de madeira em Portugal, depois do curso no campo-escola de chefes em Gillwell, Inglaterra, em 1960. Curiosamente, tem um papel dentro da AEP semelhante ao de Manuel Faria (1914-1992) no CNE e também este foi chefe do grupo 13, o agrupamento do CNE em Barcelos. Lembra as primeiras actividades na Arrábida mas também o Jamboree mundial no Japão, em 1971, uma das últimas actividades em que participou no activo, já com 53 anos. A técnica está esquecida, mas lembra-se dos artigos da lei, ainda com as palavras de antigamente: «O primeiro artigo é o escuta verdadeiro e a sua palavra é sagrada. Procurei sempre cumprir. Se algumas vezes falhei, falhei. Mas o que sei é que procurei cumprir o mais possível e sinto-me satisfeito por ter seguido esse caminho. E aqui estou.»



Nobre dos Santos com Mariano Garcia (à esquerda) e Rui Macedo (à direita) em Julho de 2012.

*

Nasceu no mesmo ano que Nobre dos Santos, 1918, e são os dois testemunhos mais antigos. «Está à frente do homem que salvou o escutismo!», diz **Manuel Ferreira da Silva** na primeira vez que nos encontramos na União das Misericórdias, onde trabalha ainda nos seus projectos e investigações. Ferreira da Silva fez a promessa de lobito no seminário do Fundão com 11 anos, tinha o Corpo Nacional de Escutas, que em 2013 completa 90 anos, menos de 10. Foi como sacerdote que passou pelo escutismo, primeiro como fundador de um grupo em Tomar – quando foi destacado para primeiro professor de Moral na Escola Comercial e Industrial da cidade – e depois como Assistente Regional de Lisboa, Assistente Nacional Adjunto e director da *Flor de Lis*, quando a publicação oficial do escutismo passou de jornal a revista. Em 1952, no acampamento nacional de Coimbra, o nono Acanac do CNE, Ferreira da Silva orgulha-se de ter feito de improviso um discurso que levaria Salazar a reequacionar a Mocidade Portuguesa. «Desde os primeiros anos do antigo regime que o



Cartão de Manuel Ferreira da Silva, do CNE.

escutismo foi sendo estrangulado, quer pela Mocidade quer pela Legião. Houve chefes despedidos de cargos públicos, outros, em Braga, foram presos e maltratados. Quando comecei o escutismo na clandestinidade, em Tomar, nos meus primeiros tempos de sacerdote, com 20 e poucos anos, tive de pedir ao sargento da Mocidade para me deixar encarregar dos jovens durante umas manhãs e ele caiu na esparrela. No acampamento nacional de Coimbra, quando tive de fazer o discurso de encerramento, pedi ao padre João Ferreira, que haveria de me suceder, para preparar um texto. Na hora, levava o papel na mão, mas esqueci-me de o ler.» Manuel Ferreira da Silva acusa o país de esbanjar dinheiro com a Mocidade e classifica o escutismo como a «forma mais barata de educar a juventude portuguesa».

O imprevisto valeu-lhe a atenção de Oliveira Salazar, que ouvira o discurso na Emissora Nacional. O presidente do Conselho quer saber que acusação é aquela e convoca um congresso. Este congresso, segundo o livro *CNE – Uma História de Factos*, viria a ter lugar em 1956. Ferreira da Silva, que junto com outros dirigentes representou o CNE no encontro, a convite de Baltazar Rebelo de Sousa, recorda-o como o início do fim da Mocidade, quando ficou instituído o seu carácter voluntário – ainda que o professor Hermano Saraiva, responsável pela acta do congresso, tenha tentado alterar os resultados da votação. Do acampamento de Coimbra, Ferreira da Silva recorda também o espírito ecuménico com que integraram católicos, protestantes e um rapaz muçulmano, de Marrocos.

*

Em 1951, **Mariano Garcia** foi um dos poucos escoteiros portugueses a participar no primeiro Acampamento Internacional de Patrulhas, em Gillwell Park, a propósito do grande festival de Londres, apenas um ano depois de ter feito a sua

promessa. Foram apenas quinze escoteiros portugueses e deslocaram-se a convite dos escoteiros ingleses. «Foi para mim uma aventura inesquecível, mas ainda hoje não consigo comer beterrabas», diz a brincar. Mas o mais impressionante do acampamento – que o levou quinze dias a Inglaterra no mesmo Verão em que corria o Jamboree Mundial da Simplicidade em Bad Ichl, na Áustria – foi a diversidade de origens dos escuteiros em campo e uma dimensão internacional que o rapaz lisboeta nunca tinha pensado que existiria no escutismo.

Mariano Garcia entra para o grupo 94 da Ajuda, AEP, aos 14 anos, atraído por um adulto de calções que via passar na rua e foi levado depois pelo irmão mais novo, Armando Inácio, autor de livros como *Fogo de Conselho*. Hoje continua a ser escoteiro, ligado à Fraternal, associação para adultos, onde se empenha na mobilização dos que já foram escoteiros e outros adultos que se identificam com os valores do escotismo para as tarefas que são próprias do escotismo de adultos.

*

Paula Falcão e Pedro Balsemão Silveira conheceram-se e casaram no primeiro grupo da AEP, com 100 anos feitos em 25 de Abril de 2012. O grupo mantém-se no local da sua fundação, a sede da Associação Cristã da Mocidade, em Lisboa, a instituição em que na Primavera de 1912 ainda não se falava de «*scouts*» em Portugal, como viria a acontecer numa mega campanha no Verão desse ano a cargo do jornal *O Século* que acolheu a ideia do jovem britânico Frank Giles, que fora escoteiro no Transvaal. Pedro foi chefe do grupo até 2006 e desde então é Paula quem assume o cargo, tendo sido a primeira mulher a liderar o grupo. Entraram ambos em adolescentes e hoje têm duas filhas escoteiras.

*

Aos 37 anos, **Paulo Natividade** realizou em 2012 o sonho de ser fundador do agrupamento marítimo de Leça da Palmeira, e vive desde o ano 2003 o sonho de coordenar a base nacional dos caminheiros do CNE, Drave, uma aldeia escutista no concelho de Arouca. Entrou aos seis anos para o agrupamento 110 do Carvalhido, da região do Porto, mas foi no campo-escola de São Jacinto que aprendeu a essência do escutismo, com o chefe Henrique Barroqueiro (1994-1997), um chefe que sempre quis homenagear e que trocou durante largos anos correspondência com a mulher de Baden-Powell, Olave. Foi em 1992 que participou na actividade regional da IV Rumos do Homem Novo, onde descobriu o seu amor por Drave e onde se deram os primeiros passos para que mais tarde surgisse o projecto de uma base nacional da IV; desde 2012 este centro foi considerado um dos 14 centros escutistas de excelência mundial para a natureza e ambiente.



Paulo Natividade nos exploradores.

*

Paulo Pereira é chefe do grupo 33 da AEP, na paróquia de Cristo-Rei, no Porto. Entrou para o grupo em 1979, na altura praticamente inactivo, só com sete rapazes. Hoje são quase 100 e têm pelo menos três marcas distintivas: foram o último grupo a admitir raparigas, só no ano 2000. O CNE dá início à coeducação em 1976, sendo que as patrulhas femininas só vêm a generalizar-se nos anos 1980. Na AEP as raparigas são aceites na mesma altura, e os estatutos, aprovados em 1979, já não discriminavam sexo. O grupo está por sua vez sediado na cripta do convento de Cristo-Rei,

acolhido pelos franciscanos ainda antes de se constituir como uma das paróquias do Porto. Paulo está à frente do grupo desde 1998. Não sendo a AEP uma associação de confissão católica, o grupo orgulha-se da simbologia: o lenço com as cores do Cristo-Rei e do Espírito Santo, preto, branco e vermelho, e o número com a idade de Cristo, 33. «Temos um chefe agnóstico, muitas crianças católicas e dois irmãos protestantes. Respeitamos as convicções alheias e participamos, enquanto grupo, nas celebrações da paróquia, a nossa casa. Eu acredito em Deus e em Baden-Powell.»

*

Pedro Ascenso entrou para o CNE em 1982. O pai era colega de trabalho do chefe regional e desafiou-o a levar o rapaz, na altura com 9 anos, para os escuteiros. Hoje, depois de passar pelos agrupamentos da Marinha Grande e da Maceira, está desde 2002 na Junta Regional de Leiria. Nos últimos 30 anos os grupos na região de Leiria passaram de cinco para 34. Os dirigentes, que na altura eram os «escolhidos», passaram de 20 para quase 500. Pedro acredita que o escutismo tem de adaptar-se ao presente, mas continuar a sonhar sem se desviar dos valores da promessa mesmo quando eles se tornam contracorrente; que pode estar mais presente na sociedade, em projectos de integração social. Em 2012 lançaram na região o projecto «Servir Leiria», onde integram jovens de instituições de acolhimento nas actividades de alguns grupos e com os quais esperam vir a criar novas patrulhas.

*

Pedro Duarte Silva é secretário nacional pedagógico do CNE. Entrou para o agrupamento do Estoril com 11 anos e quando passa para os pioneiros, em 1984, descobre uma família na equipa Veado, que se identificava por um bramido forte



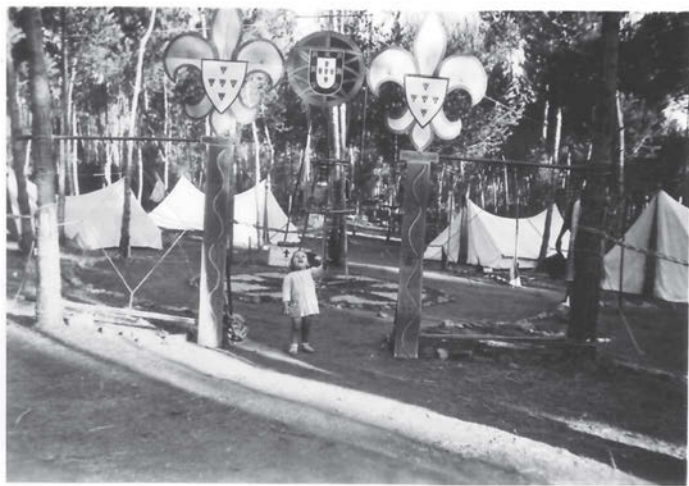
Pedro Duarte Silva, 1987.

que não tinha vergonha de gritar na rua. A actividade que lembra com mais carinho levou dois anos a preparar e concretizou-se em três semanas no Verão de 1986: uma aventura de exploração da Madeira. Antes de partir, prepararam material e chegaram a fazer um raide de 100 quilómetros em 24 horas (Foz do Arelho-Estoril) para testar a condição física. Vê o escutismo como um espaço seguro para experimentar e crescer.

*

A primeira memória que **Rui Macedo** tem dos escoteiros está testemunhada numa fotografia no acampamento nacional de 1950, em Carcavelos, quando ainda não tinha 2 anos. O pai, Capitolino Ferreira Macedo, era chefe do grupo 94 da Ajuda (Lisboa) e foi um dos fundadores do jornal *Sempre Pronto*, que começou a ser publicado em 1945. Capitolino Ferreira Macedo participou com os outros dois fundadores do *Sempre Pronto* no Jamboree da Paz, em 1947, o primeiro depois da Segunda Grande Guerra e uma tentativa da Organização

Mundial do Escotismo de forçar o reencontro entre povos. Por acaso, na viagem por Espanha (e porque andavam uniformizados), em Madrid foram abordados por Enrique Genovés, na altura um rapaz proibido de ser escoteiro pelo regime de Franco, mas que apoiado no contacto com os portugueses viria a ser determinante na emergência e unificação do escotismo em Espanha. Rui Macedo seguiu as pisadas do pai, e depois da incursão nos escoteiros, em rapaz, regressou tendo sido chefe de grupo e mais tarde elemento da chefia regional de Lisboa, onde esteve até aos 48 anos. Em 2008 regressou ao «activo» para a terceira vida escotista, desta vez na Fraternal, uma associação de escotismo para adultos. É na Fraternal, como na Fraternidade Nuno Álvares – a associação de antigos escuteiros do CNE – que vê um dos caminhos de futuro do escotismo a nível mundial, ao envolver cada vez mais não apenas antigos escoteiros, mas também pais e outros adultos que queriam abraçar a causa escotista e que nunca tiveram a oportunidade de sê-lo em jovens. «Com tantos milhões no activo e muitos mais que passaram pelo escotismo,



A estreia de Rui Macedo em campo, em 1950.

podíamos estar melhor. Temos de agarrar essas pessoas. Individualmente até podem estar a dar o seu contributo na sociedade, mas coletivamente, como grupos organizados, poderão certamente fazer mais e melhor.»

*

Xico Maia entra para o CNE em 1952, para o agrupamento do bairro da Encarnação, em Lisboa. Ainda com idade para ser explorador, ficou sem chefes e foi bater à porta da Junta Regional para encontrarem uma solução. Viriam a ser acompanhados por António Duarte de Almeida, que entretanto tinha vindo para Lisboa e estava no agrupamento de Santa Catarina. «A minha geração e o grupo da Encarnação era de um estrato médio/baixo. Nós não tínhamos nada. Por isso, à noite, a maioria de nós, com 12 ou 13 anos, terminava o trabalho e ia para a sede. Ser escuteiro era ter um sítio, era sagrado.» Em 60 anos de escutismo, nos últimos anos mais activo na Junta Central, nunca teve pressa de ir para casa. Esteve na fundação do agrupamento São João de Brito, onde iniciou o seu percurso no escutismo o bispo D. Manuel Clemente.

*

De uma vida de associativismo, o escutismo é o único caminho de que nunca se cansou. **Carlos Alberto Pereira** foi vereador municipal, deputado à Assembleia da República pelo PSD na VI e VII Legislaturas (1991-1999), presidente de um clube de futebol e presidente da Confederação Nacional de Associações de Pais (CONFAP). É chefe nacional do CNE. Fez a promessa de lobito em 1962, no agrupamento da paróquia de Ferreiros, na altura uma freguesia rural do Porto. A primeira actividade fora da sede foi a inauguração do campo-escola de Fraião. «É a primeira memória.» Foi sob a sua chefia que se organizou em 2012 o maior acampamento

nacional do CNE e vigésimo segundo da história da associação, com 17 mil escuteiros acampados no campo-escola de Idanha-a-Nova.

*

José Araújo fez a promessa de escoteiro em 1978, em Viana do Castelo. Aos 16 anos foi viver com a família para Leça da Palmeira e inicialmente andou no grupo da Foz, no Porto, e depois no grupo de Leça. É tradutor, locutor, radioamador e chefe nacional da AEP. Com a associação a completar 100 anos, em 2013, acredita que a proposta do escotismo é cada vez mais actual e que existem hoje milhões de provas disso, em todas as pessoas que passam pelo movimento e se deixam tocar. «Ao fim de 100 anos termos sido 300 milhões e hoje sermos 33 milhões e alguns estarem em lugares de destaque na sociedade onde podem fazer a diferença é o maior sucesso de Baden-Powell. Estranho que Baden-Powell nunca tenha recebido o Nobel da Paz, estranho que não haja outro reconhecimento, estranho mais isso do que não sermos ainda mais. Não podemos ser muitos mais porque não andamos a recrutar, o escotismo é um compromisso voluntário e esse é um dos segredos da longevidade.»

*

Nuno Perestrelo Chorão é um jovem escoteiro-chefe da AEP, mas já passou também pelo CNE. Aprendeu com experiências marcantes que o que mais define o ideal de Baden-Powell é a fraternidade total. Colabora com a organização mundial com a lente da sua câmara, através da qual tem testemunhado e eternizado momentos marcantes do escutismo e do escotismo no século XXI. Algumas imagens podem ser encontradas na página da Internet nunoperestrelo.viewbook.com/world-scouting.

